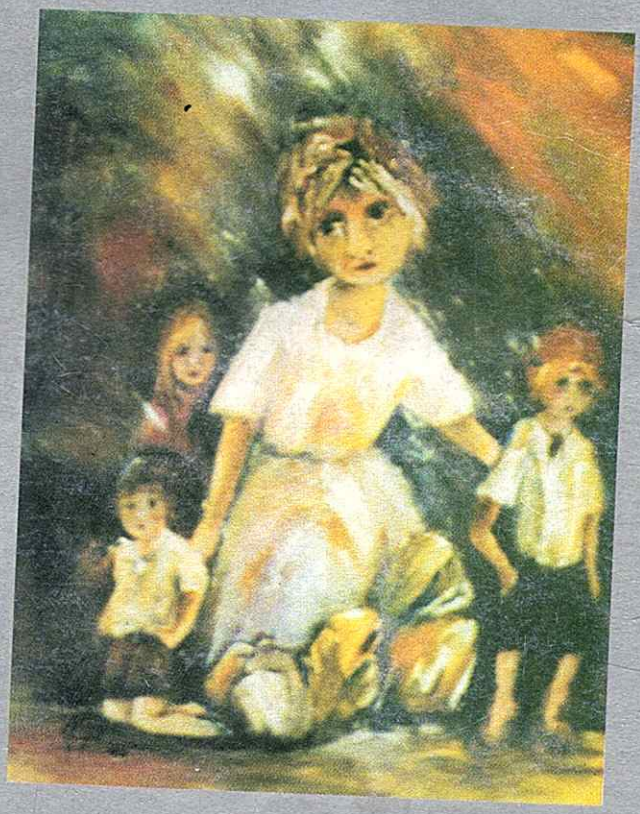
Arriete Vilela



Maria Flor etc.

A escritora alagoana Arriete Vilela é mestra em Literatura Brasileira, professora aposentada da Universidade Federal de Alagoas e membro da Academia Alagoana de Letras.

Publicou livros de contos e de poemas, dentre eles: Para além do avesso da corda, Farpa, A rede do anjo, Dos destroços, o resgate, O ócio dos anjos ignorados e Vadios afetos. Seu livro Fantasia e avesso, já na quarta edição, foi adotado, por três anos, no vestibular da UFAL.

Sua obra é reconhecida e estudada nos meios acadêmicos, tendo sido objeto de estudo em duas Dissertações de Mestrado, ambas defendidas com louvor. Ensaios escritos por professores e alunos dos cursos de Pós-Graduação em Letras da UFAL foram organizados, pela Profa. Dra. Izabel Brandão, no livro Entre o amor e a palavra: olhar(es) sobre Arriete Vilela. A Profa. Dra. Edilma Acioli estudou o discurso amoroso de Fantasia e avesso na obra, recentemente publicada, A escritura do desejo.

Arriete Vilela tem inúmeros prêmios, inclusive nacionais. Seus livros são bastante divulgados e discutidos nos cursos de Letras e nas escolas de Alagoas, numa demonstração de que é uma autora que tem sido prestigiada pela comunidade alagoana.

R$ 25,00
B200
AL P3

Arriete Vilela

Maria Flor etc.

Maceió
2002

Copyright © 2002 by Arriete Vilela

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Arriete Vilela
Arrietevilela@globo.com

DIAGRAMAÇÃO & CAPA
Marcos Alexandre Bezerra

TELA: *Os excluídos*
Neyde Bohon

Catalogação na fonte
Biblioteca Pública Estadual
Divisão de Tratamento Técnico

V695m	Vilela,Arriete Maria Flor etc. / Arriete Vilela; Maceió: Grafmarques, 2002 66 p. CDU:869.0(81) - 36 1 Contos brasileiros

É proibida a reprodução desta obra sem a prévia permissão, por escrito, da Autora.
Os infratores serão punidos pela Lei n 5.988, de 14 de dezembro de 1973, artigos 122-130

GrafMarques
Pça Guimarães Passos, 88 Poço
Tel/Fax (82) 221-8854
e-mail: grafmarques@uol.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

- A filhinha 11
- À pele da alma 14
- À procura de uma mãe 19
- Calungas 26
- Fixação erótica 30
- Flor de esterco 33
- Jonas 38
- O enterro das bonecas 42
- O envelope 47
- Os olhos da menina 52
- Rua sem nome, casa sem número 55
- Saia rodada 61

Arriete Vilela
Rua Dr. Noel Nutels, 426/203
Ponta Verde - CEP: 57035-450 - Maceió - AL
Fone/Fax: (82) 327-9781 / 9982-9892
arrietevilela@globo.com

Agradeço a Roberto Sarmento Lima
por ter feito a leitura crítica das sutilezas da
língua portuguesa nestes contos.

"Conto o que me contaram."
Heródoto

Maria Flor
etc.

A filhinha

Há meses a mocinha, de nome Berenice, fazia o mesmo percurso, à mesma hora. Subia os incontáveis e irregulares degraus da escadaria da grota onde morava e tomava o rumo do centro da cidade. O sol batia-lhe na cara ainda nova, mas já impiedosamente marcada por pequenas manchas negras. Escorria-lhe um suor pegajoso, e o seu corpo sem trato exalava um cheiro azedo.

Acomodava-se em qualquer esquina, contanto que houvesse por perto um sinal de trânsito. Uma criancinha dormitava em seus braços desajeitados e sofria um tal desconforto que tinha ligeiros estremeções, pequenos sustos de bebê. Berenice mudava-a de posição, ora num braço, ora noutro, e seu gesto era brusco, inexperiente. À frente dos passantes, embalava-a para que sossegasse. Era o seu modo de representar e de comover, pois havia sempre uma mão a estender-lhe um trocado, que ela, pressurosa, diligente, guardava no bolso da saia.

E assim, de trocado em trocado, a mocinha achou que não haveria maneira melhor de ganhar a vida. Bastava que o bebê se mantivesse magro e feio, tão esquálido e desinteressante quanto um pintinho semimorto. Em casa, inclusive, tirava-lhe as cascas das perebinhas, para que não cicatrizassem.

Ao sinal vermelho, Berenice movimentava-se entre os carros com a agilidade de quem já vivera todos os perigos da rua. Exibia a criancinha diante da bondade desprevenida das pessoas e, quando alguma moeda lhe era dada ou jogada, recolhia-a avidamente ; depois, postava-se outra vez à esquina para exibir a feiúra e a magreza da menina aos pedestres. As idas e vindas aos carros e à esquina distraíam-na de tal forma que ela, muitas e muitas vezes, se esquecia de que a pobre infeliz era ainda um bebê e não lhe dava sequer um pouco de água.

Um dia, inadvertidamente, exibiu a criancinha diante do carro da polícia. Levada para a delegacia de menores, deu-se conta de que tinha nos braços um serzinho arroxeado, frio. Tamanho foi o susto que ela, traumatizada, jogou ao chão a criança morta, enquanto se perguntava, aos gritos: "Por quê? Por quê?".

Meses depois, Berenice foi vista numa esquina de intensa movimentação. Em nenhum momento atentava à mudança do sinal. Sequer levantava os olhos para as pessoas que iam ou vinham. Tinha nos braços uma boneca, grande e velha, que ela envolvia em panos, tão sujos quanto a boneca, para disfarçar-lhe as mãos e os pés quebrados. Desoladoramente quieta, acomodava-se no cantinho do batente de uma farmácia e, sem se importar com a chuva ou com o sol forte, ninava a sua *filhinha:*

Essa menininha é minha,
me deram pra eu criar;
obrigação de quem cria
é saber acalentar.

Dorme, neném,
que eu tenho o que fazer,
vou lavar, vou engomar
camisinha pra você...

Boi, boi, boi,
boi da cara preta,
vem pegar essa menina
que tem medo de careta...

Coitadinho de quem tem
filhinha a acalentar;
quantas vezes a mãe canta
com vontade de chorar...

Cala a boca, menininha,
tua mãe foi passear;
quem tem filhos não passeia,
pra filhinha não chorar...

Carrapato, vai-te embora,
sai de cima do telhado,
deixa a menina dormir
seu soninho descansado...

Alguns passantes, comovidos com o desconsolo da mansa loucura da mocinha, estendiam-lhe um trocado, que ela discretamente recusava...

À pele da alma

Talvez ela desejasse esquecer-se no dilaceramento. Rever-se, reencontrar-se. E, nele, atar-se como um fio se ata a outro, intuitivo e ordenado, para não se perder outra vez nos equívocos afetivos.

Dilacerar-se tem sido um exercício diário da mulher. Ora com a alegria esperançosa de rendas sendo desfiadas para que se revele a pele nova sobre a ferida a cicatrizar-se, renovadamente. Ora com a crueza de ásperas estopas sendo esfiapadas para que sangre outra vez a ferida que teima em mostrar-se aos olhos indiferentes do amado.

Mas o dilaceramento, ela sabe, não cura o desejo de permanência dos seus afetos. Sucedem-se as tentativas de não querer sentir as revelações amorosas como areia movediça e, por isso, iluminam-se, dia após dia, todas as alcovas do seu coração, à cata do que possa impedir a transitoriedade do amor, com a sua verdade e a sua importância. Às vezes, acontecem as promessas e, às vezes, vêm à tona apenas os pedidos de socorro à urgência de outras promessas. Tudo, então, passa a ser esperança. Mas tão dilaceradamente arriscada e tensa e tormentosa!

Sobretudo a esperança do amor que é, ele também, um grande dilaceramento. Medroso, dilacera-se por si mesmo. Ousado, dilacera-se junto aos fios dos equívocos e, para além da pele sobre a ferida da alma, sangra a própria cicatriz.

À luz clara da manhã, que também dilacera os olhos, passeia a mulher de coração retorcido, como um cipó, pelo excesso de amor. Não quer falar, dizer-se. Transita pelos próprios dilaceramentos como se fora ditosa – um encanto e uma ventura que se querem permanentes. Sabe-se traída, mas se quer virtuosa. Humilha-se à noite, ao pé da cama, porque quer ser tocada, mesmo

que não compreenda o seu desejo como carência ou como poder; compreende-o apenas como efetiva entrega amorosa, numa relação estigmatizada como indissolúvel. Não pede muito, porque sabe: seu sexo, que lateja, não terá nenhum afago do homem por quem ela se deixou esquecer. A ardência não flamejará naquele corpo que ela imaginara eterno e de sua posse. Então, noturnamente, suas mãos cavam as ciladas com que, dia seguinte, ela tentará retê-lo. Embora se saiba apenas uma mulher triste, desamada e traída, que se dilacera como uma ilusão sem mais abrigo, sequer nela mesma: ineficaz roldana a resgatar, do fundo do poço da própria alma, repetidos infortúnios que não lhe servem ao menos como crosta de proteção em um insólito aprendizado.

E, enquanto a mulher chora-se a si mesma, tola e inútil, tecendo-se e destecendo-se em confidências de desamor, o rapazinho alvoroça-se para o encontro. Não um encontro marcado, mas fingidamente acidental: ele sabe todos os horários da dilacerada mulher. Ronda a padaria, logo cedo, e, prudente, mantém-se à distância das pessoas, com os olhos distraidamente postos na caixa de engraxate – ofício que aprendera na Casa Aberta. A mulher, com seus olhos de azeviche, *negra água transparente*, atenta apenas para os pães e o leite, tão prosaicos e tão necessários. Por dentro, na ferida oca, a lembrança obsessiva do amado que a rejeita, infiel marido que nunca se deixa flagrar.

Mas o rapazinho, que vive a primeira paixão, desconhece o perigo de estar à soleira da porta de uma alma torturada, puída como colcha velha de retalhos antes vivamente coloridos. Ele ainda não crê em impossibilidades, embora tenha, como registro de vida, uma infância e essa metade de adolescência passadas na rua, com uma vivência real de todas as impossibilidades, exceto as que o coração é capaz de criar. Sabe-se em desejo da mulher. Sente-a no

corpo adolescente como uma volúpia, embora sem êxtase, como um sonho em que ele próprio se inscreve e que pode ser vivido intimamente como algo possível.

O rapazinho, tomado de um sentimento ora voraz, ora dócil, despossui-se: vive a ausência de si mesmo, tantas são as razões por que ele enxerga, fora de si, a sua riqueza. De forma compassiva – e lamentável –, ele resvala dia a dia nas intenções dos seus sentimentos. E apaixona-se cada vez mais sem prudência, sem medida, de forma tão espontânea como se o amor fosse mais que necessário : finalidade única da alma humana.

Mas sol e lua se sucedem sem que ele tenha o menor sinal, ao menos o do dilaceramento da mulher. Não quer sucumbir, mesmo que a paixão, como coisa sofrida, e com a qual não tem sabido de fato cumpliciar-se, venha a ser um destino a desabar sobre a sua interioridade.

A mulher nunca o percebe, todavia ofusca-o como uma luz que vem do alto; instiga-o à dor da paixão, porque, sem querer, se faz efêmera: ela é apenas um rastro de lavanda, uma passagem, um encontro casual e ligeiro, um olhar distraído. Ele é apenas um detalhe no caminho da mulher; um detalhe e uma desimportância.

O rapazinho, que a ama com um amor de alto-mar – ora tempestuoso, ora brando –, quer infiltrar-se no mistério da mulher e entender a indiferença e o agora intuído dilaceramento. Espreita-a a cada esquina. Observa-lhe a sombra, avalia-a à distância. Sabe-lhe todos os gestos e todas as direções do olhar. Segue-a, cauteloso. Persegue-a em sonhos: abraça-a e se desfaz em saudade. Beija-lhe os cabelos de algas e a possui como espuma: inconsistente erotismo.

O rapazinho vai, assim, lavrando a própria alma e pondo-lhe dilaceramentos. Miúdos, constantes. O pensamento é criança renitente que lhe cobra pequenos prazeres, um sim e outro sim, um

agrado, uma promessa. Mas ele não os tem. Acorda em sonhos que se desfazem como amarras de fitilhos. Cruza o dia sem cruzar com a benevolência da mulher, mesmo quando se atreve, numa afoiteza adolescente, a cruzar-lhe o caminho, que ela descruza como num jogo de muitos erros e raros acertos.

Um dia, porém, à porta da padaria, o rapazinho levanta os olhos, até então postos na caixa de engraxate, e olha a mulher tão fixamente que uma pulsão de morte lhe invade todo o corpo, como se o seu amor se aquietasse: mar que se abrevia nos refluxos da maré. Olha-a com a calma que teria o seu abraço, caso ele pudesse, naquele momento, abraçá-la.

A mulher parece atravessar-se como rua; como um descuido, o seu olhar de azeviche, *doce e negra água transparente*, percebe pela primeira vez o rapazinho quase imberbe. Espanta-se de reconhecê-lo. Não se lembra de tê-lo visto já, mas sabe-o uma feição colada à sua memória afetiva. Parece-lhe um rosto antigo e familiar: o bisavô, talvez, numa foto em tempos que ela não alcançara.

A mulher, sem saber por quê, lembra-se de uma frase: "O vinho só é possível porque antes havia as uvas". E então ela também se lembra de si mesma, dos seus desejos alegres, da pele inteira de sua alma e das tantas outras manhãs em que não se dilacerava. E, oh pequeno milagre!, reconhecendo-se, olha o rapazinho à sua frente como se lhe agradecesse: percebe-se nova trilha, novo rumo, novo olhar, esperança reeditada. Seu coração parece querer desenredar-se, dessendentar-se.

O rapazinho, piscianamente intuitivo, sente-lhe a mudança. E como um outro pequeno milagre à luz clara da manhã, cumpliciado com uma paixão que, enfim, ele sente apenas alegre, volta a possuir-se: é novamente um rapazinho de rua, à deriva de um encantamento sem pressa, sem agonias.

A mulher agora o percebe, de fato. Diante dela, os olhos outra vez postos na caixa de engraxate, há um rapazinho de feições apaziguadas, quase belas. Ela o olha fixamente, e uma pulsão de vida invade-lhe o corpo, o coração e a alma, que ela própria permitira serem dilacerados por farpas amorosas.

O rapazinho, então, sente que aquela mulher aprenderá a ter-se, a dizer-se, a amar-se, e ele será uma feição registrada na pele nova sobre a ferida da alma.

Uma feição que sempre se confundirá com a foto do bisavô...

À procura de uma mãe

Poucas lembranças registravam-se nela: uma infância à beira da estrada, na casinhola de Lindinalvo, um agricultor tão feio e atarracado quanto um pequeno tronco retorcido. Uma infância à margem de qualquer afeto e de qualquer esperança, sentimentos, aliás, cuja falta não lhe enrugava a alma justamente por nunca terem sido provados. Uma infância oca, feito um bambu acinzentado, em que o desejo obsessivo da menina era ter uma mãe.

Da própria mãe ela sabia apenas por conversas cochichadas. Em noites frescas, no alpendre da casinhola, entre um gole e outro de cachaça, Lindinalvo soltava um pouco a língua, só um pouco, um tantinho de nada, não mais que isso, porque ele tinha em si muitas travas, uma linguagem tão seca quanto um graveto, e era, talvez por isso mesmo, ou sobretudo, um homem de sisudezas.

A menina, de nome Maria Flor, nunca pudera, de fato, montar peça a peça o seu passado. Nem saberia. Sua mente, infantilizada, ruminava apenas um pensamento: encontrar a mãe. Ou, com mais probabilidade, uma mãe. E assim atravessara o túnel descolorido da infância, acreditando que, ao final dele, encontraria o colo acolhedor e amoroso que seu coração, de modo obsessivo, desejava, enquanto, nem feliz nem infeliz, se ia adiando, inconscientemente, como grande alegria, em companhia de Lindinalvo, que a encontrara sob uma velha jaqueira sem viço, semimorta numas folhas secas.

Quando Lindinalvo morreu, ela não chorou, nada sentiu, nada lamentou. E, depois que o enterraram numa cova rasa, ela se foi, esquecida, completamente, da casinhola e seus pertences. Despojava-se, sem o saber, da infância oca, bambu acinzentado, e

resvalava para o desconhecido mundo além daquele povoado miserável.

Ninguém nunca soube explicar como Maria Flor, atoleimada daquele jeito, chegara à capital e como reagira diante do assombro que tudo aquilo lhe causava na alma acostumada ao sossego da casinhola de Lindinalvo e dos atalhos poeirentos do povoado.

Mas chegou. E conheceu o desamparo e o labirinto das ruas, o imprevisto das esquinas, a desconfiança e a hostilidade dos rostos desconhecidos.

Olhava outros desabrigados – mendigos, sem terra e sem teto, os marginalizados da sociedade – tão miseravelmente carentes quanto ela, e buscava, em meio a eles, uma mulher. Buscava, plena de esperanças, uma mãe.

Seus olhos de fiandeira de vãs esperanças ressequiam-se de tanto se colar ao corpo maltratado de cada possível mãe, e ela não se dava conta dos outros tantos fios a enredar-se no mesmo tear: filhos e filhos, como matinhos ralos, desbotados e inúteis.

Primeiro foi Otília, catadora de latinhas. Era uma mulher seca de carnes, dura nos gestos, de voz ríspida, autoritária. Mas Maria Flor gostara daquele olhar de aço que não admitia desobediência nem moleza. Um olhar sem meios-termos, ponta de punhal na alma, com um brilho de lâmina afiada nas dificuldades diárias. Um olhar flagrantemente diferente do de Lindinalvo, que tinha os olhos de rã triste e uma boca murcha de palavras.

Então ela, seduzida e alegremente silenciosa, passou a acompanhar Otília, madrugada afora: empenhava-se seriamente na tarefa de catar tantas latinhas quanto lhe fosse possível. Mas Otília não lhe dirigia a palavra, não a olhava, não lhe elogiava o trabalho obstinado. Aliás, nem parecia atinar com a presença dela

– uma presença acanhada e cheia de docilidades.

Numa madrugada chuvosa, um pouco antes da hora costumeira de catar latinhas, Otília levantou-se, chamou a filharada sonolenta e o marido preguiçoso, modorrento e sem nenhuma serventia, intimidando-os com um sinal para que não fizessem, absolutamente, o menor ruído. "Por quê?", perguntou o homem. "Por nada; vamos", respondeu Otília, e sua voz tinha secura e impaciência.

Foram-se arranchar noutro local. Maria Flor pesava na alma de Otília, que não sabia lidar com afetos – tinha-os travados no peito, cristalizados no olhar frio. O jeito amoroso de Maria Flor, os olhos súplices, os agradinhos catados aqui e ali, em monturos de coisas velhas, eram demonstrações com que Otília se sentia embaraçada, constrangida. Por isso, preferia mudar de ambiente e esquecer que seu coração tinha vulnerabilidades que poderiam vir a desencadear outras tantas carências afetivas reprimidas pela dureza da própria vida, embora, naturalmente, Otília não tivesse consciência disso. Dizia-se a si mesma que já era hora de ir para outro local e que aquela mocinha era muito "pegajosa".

Maria Flor, ao saber-se abandonada, chorou todos os desconsolos que uma adolescência atoleimada pode chorar. De porta em porta, em bairros que se iam revelando cada vez mais populosos, ela implorava, sem palavras, com seu olhar desarvorado mas manso, por uma mãe. Entendiam, porém, que ela era simplesmente uma mocinha pobre a querer um trabalho doméstico, e, por causa talvez da profunda dor que todo o seu corpo revelava, davam-lhe pouso com a vaga promessa de comida em troca de alguma tarefa desimportante.

Poucas horas depois, contudo, estava ela a chamar a dona da casa de *mãe*, o que, obviamente, causava estranheza a todos. Desdobrava-se em mimos, desajeitados e sinceros, para com

a *mãe* e tão-somente para ela. Mas a infeliz mocinha era logo enxotada da casa, seja porque não lhe entendiam os agrados, confundindo-os com adulações aborrecidas, seja porque aqueles seus olhos sempre tão súplices, sempre postos na dona da casa, eram desconcertantes, irritantemente submissos, de uma mendicância afetiva constrangedora e incômoda.

Um dia, porém, numa de suas andanças pelas ruas, bateu com os olhos em Iaiá Gordinha, uma mulher majestosamente maternal nos seus cento e dez quilos, de peitos fartos que lhe caíam, volumosos, sobre o ventre redondo. Maria Flor imaginou deitar a cabeça suavemente naquele colo generoso, acolhedor, e ter os dedos redondinhos da mulher a fazer-lhe amorosos cafunés, como agrados de mãe, nos cabelos maltratados.

Então, outra vez alegremente silenciosa, sentava-se no meio-fio da calçada, o olhar fixa e incomodamente preso em Iaiá Gordinha, orgulhosa de ter uma mãe, mesmo à revelia, uma mãe gentil e agradável, que sorria, solícita, a cada comprador de beiju, de maria-mole, de grude, de pé-de-moleque, de broa ou de quero-mais. Ah, quanta delícia! Maria Flor sentia o coração todo cheio de doçuras!

No comecinho da noite, Iaiá Gordinha recolhia em sacolas plásticas as mercadorias não vendidas durante o dia, dobrava o tabuleiro e, vagarosamente, seguia para casa, duas ruas adiante, quase à beira-mar do povoado. Carregava-se a si própria como pesada carga, pois tinha muitas varizes nas pernas. Maria Flor, então, ajudava-a: levava o tabuleiro à cabeça, enquanto repetia para si mesma, baixinho como um delicado acalanto: "Mãe! Mãe!". Sua alma desfazia-se em suaves e inusitadas alegrias.

À porta de casa, a mulher lhe dava um pedaço de bolo de milho ou de qualquer outra comida, e a despedia – gentilmente, não se pode negar –, mas com um olhar indiferente, cansado talvez,

desencantado, desafetuoso.

Meses depois, à hora costumeira de sair para vender as comidas à beira da estrada, Iaiá Gordinha não apareceu. Maria Flor esperou e esperou. No outro dia também. À noite, pensando ter sido abandonada outra vez, a mocinha chorou novos e sentidos desconsolos.

E então foi embora, sobrevivendo sabe lá Deus como. Às vezes, para sossegar-se, cantarolava baixinho:

De onde vem aquela menina
de tão longe assim, assim;
ao redor de nossa terra,
mangicão, dão, dão.

Eu ando por aqui assim,
à procura de uma agulha,
que aqui perdi.

Volta para casa,
vai dizer a teus pais, teus pais,
que uma agulha que se perde
não se acha mais.

Eu já fui, já voltei,
já disse a meus pais, meus pais,
que uma agulha que se perde
não se acha mais.

Depois de muitas luas e de muitas agonias na cabeça atoleimada, Maria Flor finalmente encontrou uma *mãe*. Sim, uma *mãe* que lhe fazia cafuné, que a beijava repetidamente no rosto e nos cabelos, que lhe comprava roupas, sapatos, bijuterias, perfumes

e maquiagens. Tudo de camelô, imitações que faziam, de certa forma, um bom efeito no corpo gracioso da adolescente.

Maria Flor tinha uma *mãe* que sorria o tempo todo e que tinha amigos, muitos amigos, velhos uns, gordos outros, feios esses, incontentáveis aqueles, delicados aqueles outros, e que lhe davam, todos eles, a impressão de estar sempre desconfiados. Maria Flor tinha uma *mãe* que bebia conhaque ora com rapazes de barbicha rala e rosto encovado, ora com mulheres de cheiro entranhado nas axilas e dentes escurecidos de nicotina. Uma *mãe* que ganhava presentes e que era muito gentil, gentilíssima, sempre com um sorriso largo para os amigos que lhe perguntavam: "Alguma novidade?".

Maria Flor era a "novidade". Com seu corpo de dezesseis anos, saudável e misteriosamente sensual, a cheirar a mato verde. Um corpo de carnes morenas e rijas, nutrido, na infância, com feijão e jerimum, macaxeira e charque, cuscuz de massa puba, manga, banana, goiaba e caju. Um corpo que levara Lindinalvo a masturbar-se secretamente, ao ver Maria Flor, aos nove anos, banhar-se com a água da cacimba, no fundo do quintal.

Sim, Maria Flor era a "novidade" da casa da amorosa *mãe*, que a oferecia aos amigos. A própria Maria Flor se entregava àqueles homens com uma docilidade sem dor nem prazer, apenas quieta: nas brechas do silêncio profundo que se estabelecia na sua alma, naqueles momentos, ligeiras lembranças da infância afundavam-se nos sulcos do obsessivo desejo de ter uma mãe. Aqueles homens não lhe importavam nada, sequer pesavam sobre seu corpo, nem lhe deixavam, no coração, o menor vestígio de existência. Aqueles homens eram completamente indiferentes para ela, desconhecidos que eventualmente voltavam, estranhos viajantes que queriam apenas uma novidade, qualquer uma, preferencialmente menor de idade. O que importava mesmo era

que, quando o último homem se ia, Maria Flor ganhava cafunés, beijos e abraços e findava por adormecer no colo da amorosa *mãe*...

Um dia, porém, uns homens fardados chegaram para levar Maria Flor. À saída, em meio a um choro desesperado, a adolescente, que não entendia de denúncias nem de constituição nem de direitos nem de cidadania, mas unicamente de afetos – ou da carência deles –, agarrou-se à mulher, que, diante do oficial da Justiça, a afastou de modo impaciente, desaprovador, quase bruto, enquanto se justificava para defender-se: "A menina só servia pra ajudar no serviço da casa...".

Agora, luas e luas passadas, sóis e sóis renascidos, Maria Flor mora na Casa Aberta. Cuida de meninas e meninos abandonados, que a chamam, carinhosamente, de *mãe*...

Calungas

Descobrira-os num casamento, ao qual, aliás, nem queria ir. O genro a convidara:

– Não vou, não tenho vestido de festa.

– Besteira, é gente simples, ninguém vai reparar.

Fora. Só não se sentira pouco à vontade, porque se esquecera completamente de si mesma, tão entretida ficara com os arranjos da mesa, feitos com calungas, bonequinhos de plástico. Botara sentido neles o tempo todo, encantada. Percebera detalhes nas roupinhas que olhos outros jamais perceberiam. À saída da festa, comentou:

– Vou fazer enfeites com calungas.

No dia seguinte, motivada e alegre, D. Veridiana foi ao mercado de baixo, área dos camelôs, e comprou duas dezenas de bonequinhos, pedaços de tecidos variados e aviamentos, como sinhaninha e fitilhos.

Começou, então, o grande prazer de sua vida, o seu melhor entretenimento: vestir os calungas, com os quais fazia caprichosos arranjos para festas de casamento, aniversário e batizado.

Os bonecos iam-lhe povoando de tal forma o espírito, que se transformaram numa mania inadiável: nada era mais importante do que costurar as roupinhas.

Adquiria cada vez mais calungas. Os retalhos, pedia-os às costureiras conhecidas que, quando não os tinham, lhe indicavam outras costureiras, de modo que , às vezes, ela andava todo o bairro, incansável, para recolher sobras de tecido. Amontoava-os a um canto do quarto, sobre a esteira de piripiri.

Um dia, a vizinha lhe perguntou, sarcástica, vendo-a chegar com umas sacolas:

– Está tendo tanta encomenda assim? Desse jeito vai ficar rica, hein?

Ela não respondeu. Arrebitou a cara e entrou em casa.

Assim, ano após ano, os retalhos foram tomando cada vez mais espaço. Os calungas, porém, foram aos poucos desaparecendo do mercado. Os arranjos de festa eram outros, e os pedidos escasseavam.

D. Veridiana, contudo, não se importou com isso. Continuava a trabalhar com o mesmo empenho, com o mesmo esmero, com a mesma dedicação. Infatigável, varava a madrugada, medindo, cortando, alinhavando, pespontando, costurando as roupinhas. Por economia, substituiu a lâmpada de cem volts por uma de vinte e cinco. Para compensar a pouca claridade, usava candeeiros a querosene: punha-os no chão, aqui e acolá, quase aos pés da cadeira em que se sentava, de modo a receber a luz das chamas e evitar um pouco a fumaça enegrecida do pavio.

Já não havia encomendas de arranjos com calungas. Mas ela continuava a vesti-los com apuro e paciência. A vista já não lhe ia bem e, enfraquecida pelos anos de trabalho minucioso, dificultava a feitura caprichosa de um detalhe ou outro.

Nos dias de procissão, D. Veridiana aprontava os bonequinhos e dispunha-os em fileiras, como um batalhão disciplinado, sobre o peitoril da janela, à vista de todos, orgulhosa por estarem eles assim tão elegantemente vestidos e dispostos, como se fossem príncipes e princesas a se deixar admirar pelo povo. Os vizinhos, mal disfarçando o constrangimento por perceber algo estranho na atitude de D. Veridiana, evitavam cumprimentá-la, fingindo, uns, ter a atenção posta unicamente nas imagens dos santos; outros inclinavam ligeiramente a cabeça, sem contudo pousar o olhar um minuto sequer nos calungas, embora se sentissem todos curiosíssimos, sobretudo as mulheres, por ver aquelas *coisinhas* tão majestosamente vestidas. As crianças, porém, numa espontaneidade irreprimível, pediam, quase em

algazarra: "Dá um pra mim, D. Veridiana!, dá um pra mim!". Numa impaciência de ciúme indisfarçável, ela gritava: "Vai pro inferno, moleque!", e recolhia, num gesto brusco, os bonecos. Travava as duas bandas da janela e ia sentar-se entre seus calungas, na esteira de piripiri, recostada suavemente nos retalhos amontoados.

Receava agora que lhe roubassem os bonecos. Não mais queria sair de casa. Dia sim, dia não, ia à padaria e comprava pão e leite. Às vezes, trazia um pedaço de mortadela, gentileza de *seu* Onofre, velho amigo, que se compadecia da magreza de D. Veridiana. Escasseavam-lhe os cabelos, os dentes. As veias apareciam-lhe sob a pele clara: "Tenho sangue azul, vêem? Fui uma princesa do mesmo reino de vocês, meus calunguinhas lindos...". E os bonecos lhe pareciam rir uma muda compreensão.

Às vezes, ela os aconchegava ao colo, ninava-os, cantava-lhes musiquinhas desarticuladas, pois a memória também já fraquejava. Outras vezes, punha-os entre as pernas magras e brancas, nuas pernas de pele flácida e enrugada, e os roçava no sexo, levando-os depois às narinas para aspirar o próprio cheiro, azedo pelo descuido, pela falta de banho.

Há muito não recebia visitas. A única filha partira com o marido. De tempos em tempos, eles lhe mandavam uma cartinha, que ela, desinteressada, nem sequer abria, esquecendo-a em algum lugar.

O mundo de D. Veridiana, portanto, aos poucos se foi resumindo a um pequeno cômodo, que ela dividia com ratos e baratas atraídos pelos restos de pão e leite. Entre os retalhos, nasciam ratinhos e mais ratinhos, tão atrevidos a ponto de, uma noite, ousar roer-lhe o dedão do pé. Já sem muito tino das coisas, ela apenas remexeu o pé para lá e para cá, rindo-se como se lhe fizessem cócegas. Imaginou fossem os calungas a brincar com ela:

– Ora, crianças, deixem disso! Onde já se viu beliscarem assim o meu dedo?

Como uma mãe amorosa, quis trazê-los para si. Curvou-se um pouco, mas estava fraca demais. Recostou-se na espreguiçadeira. E então adormeceu, embalada pelos guinchos dos ratos, que corriam entre os candeeiros.

Os ratinhos, sobressaltados por natureza, iam de um canto a outro, à cata de comida. Subiam pelas pernas de D. Veridiana, desciam pelos seus braços cheios de dobrinhas na pele senil. Evitavam a chama quente dos pavios, mas iam espalhando retalhos num alvoroço de iminente perigo.

E então, no meio da madrugada, toda a vizinhança presenciou, comovida e impotente, a pressa inútil dos bombeiros...

Fixação erótica

Ele, o filho, chegou-se à mãe, postou-se bem defronte a ela, do modo mais acintoso que pôde ser.

– O que é que há? – perguntou ela, surpresa.

– Nada.

– E então por que está assim na minha frente, sem me deixar passar?

– E você quer ir pra onde?

– Quero passar, apenas.

– Passar pra onde?

– Passar, ora bolas, dar dois passos à frente. Não posso?

– Não. Não carece.

E então ele pôs as mãos pesadas, rapaz que já era, nas orelhas da mãe, segurando-as e apertando-as com força.

– O que significa isto?

– Nada. Apenas quero apertar as suas orelhas.

Ela recuou. Ele deu um passo à frente, quase colando o seu rosto ao dela. Sentiram medo ambos: ela, daquele filho que agora desconhecia, tamanha era a brutalidade do olhar com que ele a encarava, e ele sentiu medo de si próprio, da raiva que de repente lhe crispou as mãos.

Aliás, a mãe sentia mais do que medo; todo o seu corpo era um grande susto, uma estranheza, encurralada como estava entre o filho, que sempre fora dócil, e a neutra parede atrás de si.

O filho, sentindo-se dono da situação, ria-se interiormente: enfim amedrontava alguém. Achou-se maior do que a própria ousadia e mais forte do que necessitava ser. E então começou a movimentar a cabeça da mãe para um lado e para o outro, para frente e para trás, com os dedos fortemente presos às orelhas dela. A princípio, em ritmo lento, de modo leve, mas que se foi acelerando, precipitando-se nervosamente. Ela pensou em

gritar, mas lembrou-se dos vizinhos, não queria dar motivos para fofocas, especulações. Precisava achar um meio de livrar-se daquela situação inusitada e constrangedora.

– Pare com isso! Que maluquice é essa? Não vê que está me machucando? sussurrou ela, já chorando, o rosto em brasa.

Mas ele já a sacudia com fúria. Tinha um sorriso abobalhado, mas diabólico. Ele se queria mau, cochichava para si mesmo que odiava a mãe, a vida, tudo e todos. Aliás, odiava-se também, vigorosamente.

Enquanto agitava a cabeça da aturdida mãe, mirou-lhe os olhos. Penetrou o seu olhar de possesso no olhar de dor e de espanto daquela mulher que, na verdade, ele não odiava. E, ao olhar bem dentro dos olhos da mãe, profunda e cruamente, ele se viu: atualizava-se menino silencioso e tímido que, à noite, assim que ela, a mãe, o cobria e lhe dava o beijo de boa noite, ficava em ardências: seu rosto menosprezava aquele beijo inocente, maternal, e sua boca, sim, sua boca queria o beijo verdadeiro, adulto, sugador e realizador de todos os desejos. Nos sonhos da adolescência, aquela paixão sexual excitava-o até o gozo, num transtorno psíquico que o atormentava durante o dia, quando tentava recompor as sensações da noite.

Agora, homem feito nos seus vinte e dois anos, não mais agüentava guardar só para si o segredo de querer possuir a própria mãe. Precisava dizer a ela. Ao segurar-lhe as orelhas, tencionava a confissão: chegaria o rosto tão próximo ao dela que lhe seria impossível não bafejar aquela sua fixação erótica.

A violência, porém, da interdição interior fustigou-lhe de tal modo os seus dramas inconfessos, que os seus gestos, que se queriam reveladores de um segredo incômodo, se reverteram em gestos de agressão, de ódio.

Ele sabia que não a odiava, sentia isso ao ver-lhe os olhos chorosos e, mais que isso, aterrorizados. Ele sabia que não havia nada, absolutamente nada, a esfregar na cara da mãe para culpá-la, para condená-la. Pois sempre fora atenta, amorosa, tão corretamente mãe.

Mas queria apertar-lhe as orelhas, jogar-lhe a cabeça contra a parede, esfacelá-la, ver pular-lhe os miolos, borrar de sangue o branco da parede. Queria, sobretudo, flagrar-lhe aquele olhar de terror, de alma suspensa no grito sussurrado, de confissão do poder que ele, naquele momento, exercia sobre ela. Queria vê-la submissa, entregue à fúria das suas mãos, apavorada como uma mulher insegura, indefesa, já que nunca pudera submetê-la aos caprichos da sua fantasia sexual.

Contudo, como se saísse de um emaranhamento de conflitos, viu-se nos olhos da mãe e então temeu não saber o que fazer com a fragilidade daquela mulher, que decidira não reagir, que se entregava, impotente. Tinha-a nas mãos, o que significava uma forma de dominação. Matá-la, possuí-la, desprezá-la ou simplesmente assustá-la – nada disso importava mais.

Nada, nada...

Flor de esterco

Eudócia arranchou-se à sombra de uma jaqueira. Súbito alívio: pés inchados, corpo dolorido da gravidez avançada.Odiada gravidez, semente maldita que o próprio pai lhe plantara no ventre mal entrado na adolescência.

Talvez ela preferisse não sentir tanto nojo, mas a repugnância, como algo obsessivo, pensamento ruminante e torturador, instalara-se nela desde o primeiro momento, há nove meses, tempo em que lhe crescera, nas entranhas, aquela nódoa escura, fruto da violência e da maldição.

A mãe, ao ver-lhe o vestido de chita rala a esticar-se no corpo que se arredondava, tomou-se de ira e, numa ignorância comum àqueles fins de mundo, surrou a infeliz mocinha com cipó de goiabeira, até o sangue regar os lanhos do corpo maltratado.

– Diz, pangarave, diz quem te emprenhou!

A mocinha tinha a vista escurecida. Encolheu-se, a gemer de dores, no canto do alpendre – e quis morrer. Quis, e muito mais, com uma raiva cega e brutal, a morte daquela coisa – nódoa escura e escamosa - que já se mexia dentro dela.

– Diz, pangarave, diz quem te emprenhou!

Ela não disse. Não podia dizer sequer para si mesma. Amava o pai, dormira aconchegada a ele, tantas e tantas vezes, na rede do alpendre. Acompanhara-o, pelos atalhos, ao pequeno sítio, caçaram passarinhos, colheram cajus e assaram castanhas, perseguiram calangros desavisados. Ajudara-o a pôr folhas de bananeira sobre bananas verdes, amontoadas a um canto do quarto da casa, para que amadurecessem o mais naturalmente possível.

Não, não! Nada diria. Ele era seu pai, amava-o, tivera-o bom e alegre durante toda a infância. Vira-o fazer boizinhos com os

manguitos do quintal, espetando-lhes minúsculos gravetos como pernas, e figurinhas engraçadas com o miolo do pão, e bonecos com a casca da melancia.

Na brincadeira da cadeirinha, o pai entrelaçava os braços, formando uma espécie de assento, em que Eudócia se acomodava , enquanto apoiava as mãos ao pescoço dele, que cantava:

Lá vai a Senhora Madeira,
sentada na sua cadeira,
fiando o seu algodão
pelas barbas do seu capitão...
O capitão não está em casa,
ora demos com ela no chão!

E então, bruscamente, ele soltava os braços, desfazendo o assento, e a desprevenida menininha era atirada ao chão, porque tal brincadeira servia justamente para acostumar a criança a estar atenta à hora do baque. Quando o pai percebeu que Eudócia se segurava fortemente ao seu pescoço, evitando a queda, esqueceu a brincadeira, pois a menina detestava aquele susto e ficava dura como um galho, tensa, mas sua pouca idade não lhe permitia verbalizar o medo nem a dor dos machucões que arroxeavam a sua pele clara.

Eudócia, contudo, já nos seus cinco, seis anos, gostava de cantar, mesmo repetindo enfadonhamente o *Sermão de S. Coelho*, sentadinha na beirada da janela que dava para o quintal, enquanto Maria, agregada da casa, se lambuzava no grude dos bagos da jaca mole:

Sermão de S. Coelho,
Com seu barrete vermelho,
sua espada de cortiça,
para montar a garriça.
A garriça deu um berro,
toda a gente se espantou,
só ficou uma velhinha,
embrulhada num chinelo.

De repente, Eudócia lançava-se, num vôo imprudente, para os braços do pai: uma brincadeira que também servia para acostumá-la a não ter medo. Talvez se imaginasse montada, como S. Coelho, no dorso avermelhado da cambaxirra, agarrada às asas listradas de preto, rumo ao ninho balouçante que se agitava ao vento, tão ao gosto da ave, para alimentá-la com insetos e aranhas, rindo-se inclusive do próprio pai, que, tentando imitar o agradável canto da ave, tornava-o um berro inutilmente assombroso...

Mas ela crescera. Rapazinhos da redondeza olhavam-na, cobiçosos. Ele, o pai, protegia-a, a princípio apenas cuidadoso, o olhar acompanhando-a na feira semanal ou na ida à missa, aos domingos – e, depois, ciumento, impedindo-a de sair.

E então houve aquele momento.

O pai quis tê-la, possuí-la à força, num dos atalhos do sítio. Ela estranhou, esperneou numa desobediência inusitada, ameaçou gritar pela mãe. O pai largou-a. Voltaram ambos para casa, para estranhamento da mãe, pois não era costume que ele retornasse àquela hora. "O que houve?" "Nada. Não me senti bem." E, casmurrento, ora pelos cantos da casa, ora na rede do alpendre, passou a matutar um novo jeito. "Se ela tem de ser de algum macho, vai ter que ser minha primeiro. É minha filha, minha,

tenho mais direito do que qualquer outro homem." A mocinha, sempre assustada, evitava-o.

Mas aconteceu: cancro a encher-lhe o útero ao tempo em que a esvaziava de si mesma, de quaisquer sentimentos, precipitando-lhe a alma nos charcos revoltosos das dores que não podem ser gritadas nem compreendidas, insanas dores infligidas por alguém tão querido...

E então, numa manhã desfolhada, agarrada à velha jaqueira sem viço, como se se esquartejasse ao sol forte, ela pariu a filha. Sozinha, puxava-a de dentro de si, vociferando desesperos, pragas, funestas morbidezas – queria amputar para sempre do seu corpo aquela protuberância feia e suja, saída como uma golfada, um coágulo. Pensou em cavar o chão com suas unhas de sangue enegrecido e enterrar a filha ali mesmo, sem piedade, mas só teve forças para cortar o cordão umbilical com os próprios dentes e empurrá-la para perto das folhas secas, ao lado.

Depois, em convulsões nervosas, a mocinha dilacerou-se num grito uterinamente poderoso, revoltado: um grito de libertação daquela nódoa escura e escamosa que fizera parte dela por penosos nove meses. E então, tomada de um ânimo incomum para semelhante situação, levantou-se e tomou o rumo de casa, o sangue ainda a escorrer-lhe por entre as pernas. Em delírio, ansiava por mostrar à mãe o corpo outra vez adolescente, purificado pela dor, sem parasita a hospedar-se no seu ventre, sem carecer de apanhar toda vez que se negava a responder à insidiosa e detestável imposição da mãe:

– Diz, pangarave, diz quem te emprenhou!

No entanto, em delírio, a correr pelos atalhos do sítio, sem olhar uma vez sequer para o lugar onde largara a filha, Eudócia

ansiava sobretudo por rever o pai e coagular nos olhos dele, inocentemente vingativa e profundamente magoada, os amargores do seu corpo, já agora o de uma mulher que havia parido.

Ardia, pois, por mostrar-se ao pai como uma desabrochada flor.

Triste flor de sujidade...

Jonas

Os olhos de Jonas demoram-se sobre as águas, agora nem tão limpas, do rio. Não são olhos de pouso, de suavidades, mas de cotidianas crostas que se foram acumulando sua alma, agora lacerada e desiludida. São olhos de porão. Olhos sujos de ressentimentos e cheios de asperezas, hostilidades e lembranças ruins, muitas e tantas. Olhos baços, envenenados, sombrios, que revelam presságios com que ele se tem afligido, à medida que se vai desapossando de si mesmo e do seu passado.

Os olhos de Jonas nodoam-se de frustrações que lhe fazem ecos no coração ainda hoje ansioso, angustiado, insatisfeito. Ele nem sabe ao certo por que tanta inquietude. Formou-se, casou-se. Teve filhos bonitos e sadios. Mas se queixava da profissão, da mulher, dos parentes, dos vizinhos e até dos filhos. Travado nos afetos, nunca soube ter amigos nem inimigos. Aos primeiros, apelidava-os às costas, em tom miseravelmente jocoso; aos outros – nunca publicamente declarados –, dava-lhes bílis disfarçada em falsos testemunhos, cavando-lhes charcos em que, ironicamente, ele próprio afundava.

Os olhos de Jonas são feitos de fios viscosos que o foram prendendo numa irascibilidade medonha, a qual, talvez, lhe tenha ficado como terrível herança: passara toda a infância sob a tirania do olhar do tio padre, que resolvera tomar a si os cuidados com a educação do menino, repetindo-lhe, diariamente, como ladainha enfadonha e irritante: "Seu pai era um irresponsável, um inconseqüente, e sua mãe, uma palerma, não tinha iniciativa pra nada".

O tio obrigava-o a ajudar o padre Lídio no preparo das hóstias do seminário onde fora interno para garantir os estudos. Ele achava extremamente maçante manusear o cortador de hóstias,

nas tardes de sábado, enquanto os outros meninos da sua idade jogavam bola ou batiam pernas pelo bairro.

O tio , rigoroso, queria-o padre. Ele se queria ator. Talvez por isso, à época do seminário, os olhos do então menino fixavam-se nas vestes dos santos como carretilhas em tecido: iam-lhes sulcando caminhos, de cima a baixo, a marcar costuras que ele – já intuía, então – não saberia fazer no próprio destino.

A amiga conhecera esses olhos quando o rosto de Jonas, hoje trincado de queixas e frustrações, era o rosto de um menino – triste, é verdade, mas leal, ingênuo. Achava belos os olhos que ele punha, de jeito a revelar-se amoroso, sobre as águas então limpas e transparentes do rio. Distraíam-se em conversas amenas e sonhadoras.

A amiga gostava daqueles olhos de então, porque eram vigilantes, curiosos, doces: rastreavam delicadezas nas águas do rio, coisas que podiam parecer insignificâncias: papoulas, gravetos e folhas secas boiavam com o desapego dos que se vão sem carecer de despedidas. Então os olhos de Jonas misturavam-se à poesia do rio, conferindo ao coração o direito de inuagurar-se, todo dia, em possibilidades de novos rumos. Sobre aquelas águas, boiava a própria felicidade, e os olhos do menino sabiam colhê-la para a amiga, que se inquietava, às vezes, pois se sabia transitória na vida dele.

Um dia, os olhos do menino, já então um rapaz, livraram-se do seminário, que se tornou apenas uma lembrança, e não das melhores, assim que o tio padre morreu. E então eles percorreram distâncias, desfiladeiros, amores – quando apaixonados, eram tolos equívocos afetivos, acorrentados a obediências internalizadas, resquícios da época do seminário com suas orientações repressoras.

Assim, iam-se sucedendo as estações, que renovavam a natureza, mas não renovavam o coração de Jonas: ele continuava a querer-se ator. Prometia-se o primeiro sucesso, mas abrasava-se na vida: carecia de manter a família, pois se casara com uma mulher tão sem iniciativa quanto fora a mãe dele. Adiava-se. Desculpava-se na falta de tempo, nas exigências da profissão, na atenção aos filhos pequenos, no trabalho desprazeroso.

Os olhos de Jonas – antigas carretilhas – eram sempre ávidos sobre o desempenho dos atores: avermelhavam-se na intencional busca dos deslizes e não lhes queriam perdoar falha nenhuma. Dizia-se: "Eu faria melhor". Uma voz secreta, que infelizmente não lhe chegava aos olhos, alertava-o para aquela vã pretensão. E o seu desejo de roteiros, palcos, refletores não sabia o perigo de perder-se em ilusões: uma inutilidade cega que, aos poucos, sedimentava na sua alma um despeito indisfarçável e uma raiva contra si mesmo. Uma raiva que, entretanto, parecia endereçar-se, como flecha secreta e ruinosa, ao peito de cada conhecido, de cada amigo e, até, de cada filho. Assim, ele ia-se exercitando como criatura indelicada, porque frustrado. Tecia-se em áspera estopa: um coração que se legitimava como hostilidade, numa atitude permanente de couraça, de retesamento, como se afeto e bondade fossem lanças apontadas para o próprio peito, ameaçadoramente fatais.

Os olhos de Jonas, embora quisessem submeter-se ao fingimento social com uma polidez, mesmo de artificialidades, traíam-se: não deixavam escoar uma luz no olhar e imprimiam a ele a crueza desabrida de uma alma, tola e ridiculamente vaidosa, em que brotavam apenas cardos, plantas espinhentas e, apesar disso, frágeis. Os olhos de Jonas denunciavam-se em abraços hostis, farpados, sem o mais simples estofo poético, que traziam à tona um coração enodoado de mordacidades.

Os olhos de Jonas, agora novamente pousados sobre as águas do rio da sua infância, buscam um menino – o menino Jonas – e lampejam um brilho de saudade, que, embora desencantado, é ainda um brilho em faíscas de bálsamo e de tardia, mas não impossível, esperança.

Aos setenta anos, ele, Jonas, sabe-se uma alma de falsas pedras, uma alma trançada em paralelepípedos jogados contra si mesma. Contra ele mesmo, o impaciente e ansioso Jonas. O frustrado Jonas. Antigas carretilhas nas vestes dos santos e dos padres marcam-lhe o peito com sulcos pontilhados de tédio, de desolação, de arrependimento e de covardias.

E então, numa atitude inesperada, com o coração roído por acumulados desejos recalcados e por brumosas mágoas, Jonas caminha rio acima, margeando a própria alma, buscando-se na infância. E seus olhos cristalizam-se como funduras de que não é possível retornar. Chora-se pelo que não foi, pelas improbabilidades de que se serviu como pretexto ao adiamento do sonho de ser ator, de ser feliz.

Os olhos de Jonas, como anéis de serpente, estão a naufragar em inexistente cais, para além do meio do rio: homem e menino, juntos mas não cúmplices, findam-se em si mesmos.

O enterro das bonecas

Há anos Esterlina não diz uma palavra. Fez-se silêncio para salvar-se como memória. O imediato não lhe interessa, mas o passado. Fora-se esvaziando pouco a pouco de todas as experiências adultas, sobretudo de marido e filhos, sempre tão barulhentos e em constantes festas alcoolizadas. Postara-se outra vez na infância, redescobrindo-se como mistério e surpresa. Tem-se fertilizado de lembranças, de possibilidades imprevistas, de liberdade e de compreensão.

As pessoas de casa ou impertinentes visitas dizem-lhe coisas, impaciências ou ligeiros agrados, e lhe cobram respostas, um sinal, uma aquiescência. Ela, porém, sabe-se guardiã do seu silêncio, que é a forma de proteger a profunda vivência do passado. Nada diz, porque nada ecoará neles, pessoas levianas, sem raízes. Seu olhar, aparentemente oco, desgarrado, ampara-se, solene e calmo, em tempos outros, longínquos tempos, e resgata, em meio a tantas lembranças, a brincadeira predileta de quando menina: o enterro das bonecas.

Esterlina possuía muitas e variadas bonecas. Ganhava-as do pai, que a mimava como se ela também fora uma boneca, porque ela era de fato bonita e graciosa. Ele as trazia das viagens; dois meses, às vezes, fora de casa e, no retorno, a grande alegria: mais de uma dúzia de bonecas com que ela enchia os olhos das outras crianças, com vaidade e orgulho. Todavia, tão logo era anunciada uma nova partida do pai, Esterlina comprazia-se no desejo de enterrar as bonecas, como se buscasse enterrar em si mesma, com a angústia do abandono, a ausência do afetuoso pai.

Assim, escolhia duas ou três, corria à saleta de costura e catava retalhos para as pequeninas mortalhas. Usava cores variadas, caso não encontrasse a mais apropriada: a cor roxa, grave

e triste, sem mediações num destino inventado trágico pela saudade. Cosia-as ela mesma, habilidosa, pondo-lhes o seu olhar de zelo, de doce tristeza manifesta e de incompreensível alegria sem disfarces na alma.

E então ela vivia os desdobramentos de um ritual: ia-se registrando como prazer ao cavar a terra, no quintal humoso de casa. Não tinha pressa. Ajeitava as bordas das pequenas covas, nas quais aspergia gotas de água de flor de laranjeira, e atapetava-lhes o fundo, forrando-o com folhas novas, verdíssimas, de pitangueira. Depois depositava, como artesã do próprio segredo, a beleza intacta da boneca nova, enquanto repetia, baixinho, as cantorias que ouvia nos velórios a que assistia, numa assiduidade maior do que deveria ser permitido a uma criança, levada que era pela mais velha e enfastiada das agregadas da casa, a Anfrísia, a qual parecia ter a obsessão da morte, pois sempre levava a menina como testemunha constante da alegria com que o cheiro do morto lhe inundava o peito, reavivando-lhe o desejo na alma ressequida, desesperançada.

Lá vem uma alma
Pisando no chão
Vai dizendo à outra:
Ô que buracão!

Esse buracão
É a sepultura
Essa terra fria
É a cobertura.

Uma incelença
Que nos deu no paraíso
Adeus, irmã, adeus
Até o dia do juízo. (*)

Nas tardes nubladas, a menina Esterlina sentia um regozijo particular: o vento dificultava-lhe o ritual, fazendo esvoaçar as folhas de pitangueira que ela dispunha de forma singular em cada cova, revelando a sua expressão afetiva, o seu modo de assentamento amoroso. Ao fingir lutar contra o vento, lutava contra a grande saudade do pai e lutava, talvez, contra a sua fixidez no isolamento que a morte favorece. E, ao enterrar a beleza intacta de cada boneca, a menina como que se guardava a si mesma, imantando canto a canto o quintal frondoso, para que um dia pudesse ir-se recompondo no mapa afetivo da memória, ao ansiar por uma realidade que lhe daria apenas o direito neutro à morte.

Ao enterrar a beleza intacta de cada boneca, a menina era um altivo distanciamento: solidez e resistência. E não se pensava nesses momentos. Sentia-se, apenas. Destituía-se do catecismo lido aos sábados à tarde, das preces diante do oratório antigo, velado dia e noite no quarto da avó, e das palavras do padre aos domingos, na missa. Pensar neles seria pensar-se como quem estivesse a cometer uma falta, uma maldade, um pecado, uma clandestinidade. Sentia-se, apenas, pois, e seu coração fruía o conforto de já haver tirado a estranheza da morte:

Pecador repara
Que hás de morrer
Chama por Jesus
Que Ele há de valer.

Chama por Jesus
Enquanto é tempo
Quando a morte chega
Mata de repente.

Quando a morte chega
Calada e sozinha
Dizendo consigo:
Esta alma é minha.

Não conheces os teus
Que contigo estão
Com ânsia tão grande
No teu coração?

Mudando de cores
O sangue fugindo
Nesta mesma ânsia
Estás te indo e vindo. (*)

Curiosamente, Esterlina nunca enterrava as bonecas velhas. A elas, deixava-lhes o castigo da velhice: a limitação. Esquecidas aqui e acolá, recebiam vez por outra apenas os olhares distraídos da menina e, deles, a certeza crua do transitório, em faíscas de desprezo, como se *o tempo* que *rói a vida* lhe causasse mais horror do que a morte.

Às vezes, Anfrísia lhe dizia: "Por que não me dá essas bonecas velhas, que já estão mofando?", ao que ela respondia, áspera: "Não!".

Há anos Esterlina não diz uma palavra. Fez-se silêncio. Sabe-se impossibilidade, inclusive para morrer. A voz ressuscitada do passado já lhe chega, dia a dia, sobre lastros muito tênues, entre fios que se vão quebrando, esquecendo-se. À medida que esvazia, tão repetidamente, as experiências da infância, sente ser-lhe supressa da alma a interioridade mesma das lembranças, o seu mistério e o seu encanto.

Assim, cristalizada dentro de uma vida já sem fatos, espera, exaurida de si mesma, grave e silenciosa, a morte libertadora. Mas se sente como se estivesse diante de um túmulo que não se quer abrir para enfim recebê-la...

Meu Sinhô São Pedro
Chaveiro do céu
Vós nos abra a porta
Que eu não sou herege.

Vós nos abra a porta
Amanhã bem cedo
Que eu quero ir pro céu
Mais Sinhô São Pedro.

Vós nos abra a porta
Pelo bom Jesus
Eu quero ir pro céu
Mais a Santa Cruz.

Vós nos abra a porta
Abra sem temor
Que eu quero ir pro céu
Mais Nosso Senhor.

Vós nos abra a porta
Abra sem demora
Que eu quero ir pro céu
Com Nossa Senhora. (*)

(*) - Incelenças ou excelências populares.

O envelope

A visita bateu à porta. Minha mãe disse: "Vá ver quem é". Fui sem muito boa vontade, porque sabia que não era para mim. Quando alguma criança me procurava, nunca batia palmas. Ia logo gritando o meu nome, coisa que me alvoroçava bastante, tamanho era o meu desejo de largar o que estava fazendo e ir brincar na pracinha, a cinqüenta metros de casa.

Naquele fim de tarde, eis que chegou a visita. Ao abrir a porta, imediatamente dei com os olhos na bolsa da mulher, Dona Eutímia, antiga colega de minha mãe, dos tempos do curso de corte e costura. Como há anos não se viam, a surpresa foi recíproca:

– Você por aqui? Que novidade é essa?

– Como você está diferente, botou corpo, está mais bonita!

Não sei por que artimanhas do meu anjo da guarda, tomei-me de amores pela bolsa da visita. Fiquei encantadíssima: foi um, digamos, amor curioso à primeira vista.

Minha mãe e a visita conversaram longamente. Não me foi permitido estar presente: "Vá brincar; criança não é pra ficar escutando conversa de gente grande". Não me interessava, absolutamente, a conversa delas. Mas a bolsa, sim. Eu nunca havia visto uma bolsa tão vistosa e tão enigmática. Grande, marrom, com fecho ecler dourado e alça elegante. Dava para carregar um mundo de novidades ali dentro. Mas que novidades? Eu nem entendia de novidades, sobretudo as carregadas em bolsas femininas, porque a de minha mãe era pequena, murcha, sem graça, e vivia pendurada, quase inútil, num cabide do camiseiro, ressecando-se ali, naquela solidão escura, saindo de lá apenas umas poucas vezes, como no dia da padroeira da cidade, oito de dezembro. Uma bolsa, portanto, desinteressante, que nem sequer dinheiro levava no dia da festa,

porque o dinheiro ia no bolso do pai:

– Você é muito gastadeira; eu levo o dinheiro comigo.

– E pra comprar rolete, pipoca, algodão-doce, refresco ou caldo de cana, se os meninos pedirem?

– Por que não enche a barriga desses meninos antes de sair?

– Não sabe como é criança, não? E são cinco. Careço de dinheiro.

– Vou estar por perto. É só me chamar.

Pois bem. Não me interessava a bolsa da mãe, mas a da visita. Naquela tarde, no oitão da casa, eu me consumia no desejo daquela bolsa, que não me dava trégua ao pensamento. Pelo postigo, via a ponta do fecho ecler, com seus pequenos dentes metálicos corretamente encaixados, como a me tentar: "Por que não me abre? Há tanta coisa aqui dentro...". Eu ficava na ponta dos pés, mas não conseguia ver a bolsa por inteiro. Estaria encostada no sofá, com ares de arrogância? No colo da visita, sendo distraidamente acariciada? Perto de minha mãe, fazendo-se ver bem maior do que a dela, a tal, a murchinha, pendurada no cabide do camiseiro? Estaria, então, aquela bolsa vistosa e provocadora, de uma beleza primorosa aos meus olhos de menina, querendo humilhar a minha mãe?

Oh, com todos os diabos, eu não agüentava mais de curiosidade! Queria ter a bolsa nas minhas mãos, desvendar-lhe o interior, esvaziá-la, futucar cada bolsinho, cada cantinho, esgaravatá-la minuciosamente: despejar tudo no chão, catar as novidades, brincar com uma coisa e outra, rearrumar os pertences, e, depois, deixá-la sobre o sofá, a sonsa, como se intocada tivesse sido.

E eis que a oportunidade se me apresenta. Minha mãe disse: "Vamos lá dentro merendar alguma coisa". "Não, carece não", disse a visita, mas já se levantando, que duas horas de palestra se haviam passado, e elas deviam estar mesmo com fome. Foram, pois, para a sala de jantar. No petisqueiro tinha bolo novo de massa puba e, na cristaleira, uma compota de doce de banana em rodelas. E podiam ainda se refestelar com o queijo manteiga ou com a bolachinha canela comprados na padaria de seu Amerquinho. Não havia, é verdade, mimos como biscoitinhos de sequilho ou pão-de-ló, como na casa de D. Mirandolina, funcionária da Coletoria Municipal, mas minha mãe e a visita bem podiam se distrair por um bom tempo, até o último gole do café moído em casa e feitinho na hora, cujo cheiro me encorajava a ir reinar na bolsa.

Pois fui. Entrei na sala de visitas e, pé ante pé, esgueirei-me até a bolsa. Nem precisava de tanta encenação, visto que minha mãe e a amiga estavam lá dentro, palreando como se fossem duas comadres íntimas e comendo feito duas gulosas de marca maior. Peguei então da bolsa, apalpei com cuidado o couro bom, macio, e me acomodei por detrás de uma poltrona, ao canto da sala. No mosaico do chão, esparramei o conteúdo da bolsa, fiz uma barreira com os braços e as pernas, para que nada se perdesse nem escapulisse para debaixo do sofá ou para longe do meu alcance.

E então comecei a clandestina felicidade: tinha nas mãos as miudezas da alma daquela mulher. Aliás, miudezas de qualquer mulher daquela época, como pó-de-arroz, rouge, batom, lenço de linho com matames em labirinto, pequenas presilhas de cabelo douradas e prateadas, dois ou três frasquinhos de perfume, birilos, um grampo grande de prender o cabelo em coque alto, uma carteira, uma caixa com uns óculos velhos, tesourinha de unha, um lenço estampado de cabeça, colchetes, dois ou três botões de

camisa de homem, linha, agulha e alfinete, lápis e uma cadernetinha com anotações de fiado, moedas, envelope de cibalena, santinhos de papel, orações de novenas, um terço, uma fita com a medalha de Filha de Maria, um recheio de pimpão, objeto engraçado que servia para dar volume ao penteado, e...

...E um envelope lacrado. Olhei-o contra a luz. Uma carta? Um bilhete? Senti um cheiro delicado: lavanda de alfazema? Gotinhas de água de flor de laranjeira? Água-de-colônia? Não sei.

Entretinha-me a descobrir aquele cheirinho bom, quando fui surpreendida pelos passos de minha mãe e da visita. Tive susto e tive medo. Apressadamente, enfiei tudo de novo na bolsa, de forma desordenada, nervosa. Mas não a tempo de poupar minha mãe daquele vexame, pois a visita se sentiu ofendidíssima: "Pensei que você criasse seus filhos doutro jeito. Nunca uma filha minha iria futucar na bolsa de alguém, principalmente de uma visita!" – e, virando-se para mim, ameaçadora: "Espero que você não tenha mexido na minha carteira!". Furiosa, a mulher arrancou a bolsa da minha mão, conferiu alguns pertences, olhou o dinheiro da carteira, grunhiu uns resmungos inaudíveis, despediu-se muito friamente de minha mãe e, afobada, partiu.

Já com os dedos de minha mãe agarrados à minha orelha, prenúncio de uma surra danada, ainda tentei chamar a mulher para devolver-lhe o envelope. Na confusão, em vez de colocá-lo na bolsa, eu o havia colocado no bolso do meu vestidinho. Mas a visita andava a passo largo e eu nem a via mais. Minha mãe me pregou um sermão ameaçador e enfadonho, como toda reprimenda, e a cada frase correspondia uma lapada da malvada tabiquinha de cipó de goiabeira. Apanhei e apanhei, mas em momento algum deixei de segurar o bolso do meu vestido, receosa

de que o envelope caísse e minha mãe ficasse mais furiosa ainda.

Mas tudo passou. A infância passou, as pessoas passaram. Hoje, remexendo nuns papéis antigos, descobri o tal envelope. De imediato, associei-o àquela surra. Apesar da recordação um tanto desconfortável, levei-o ao nariz na esperança de, imagine, tanto tempo depois!, descobrir o mistério daquele cheirinho bom que eu sentira. Obviamente, já não há cheiro nenhum – é apenas um envelope com manchas amarelecidas. Um envelope lacrado.

Surpreendo-me. Como este envelope sobreviveu ao tempo, às mudanças de endereço, às arrumações? Onde ele se escondera? Como pôde guardar-se fechadinho, sem se arriscar a desafiar o meu interesse de escritora, como outrora aquela bolsa instigara a minha curiosidade infantil para abri-la? Em que outros papéis ele se metera, fiel àquela mulher raivosa, de modo assim tão discreto, tão paciente, deixando-se ficar no tempo a guardar, quem sabe, um segredo?

Tomo-o nas minhas mãos. Reinadeiras, essas minhas mãos. Vivem a mexer e remexer... palavras. Pois há palavras aqui, algo escrito, o que me desperta a curiosidade. Uma confissão amorosa? Uma despedida? Uma veleidade literária?

Viro e reviro o envelope nas minhas mãos. Abro? Não abro?

Não, não devo abri-lo. Fecho os olhos e finjo que não o sinto escapar-me, esconder-se.

Tenho a impressão de que D. Eutímia, na eternidade, sorri, aliviada...

Os olhos da menina

Os olhos da menina feriam-se de luz, na manhã de verão mundano. Ela se sabia um olhar incômodo, lodoso, de véus e véus encardidos. Mirava alguém, punha-lhe sobre o rosto bronzeado e descontraído o peso de seu olhar sem perdão: um olhar cru e triste, que lhe vinha de muito dentro, da grande escuridão que era o seu peito, que era a sua vida, que provavelmente seria o seu futuro. Um olhar rasgando-se como ferida, como chaga social disfarçadamente ignorada. Um olhar pontilhado de desfiladeiros, bordado de pequenas blasfêmias caladas, coagulado em desconsolos inconfessos. Um olhar de peixe morto, de alma desesperançada, de flor sem viço.

Os olhos da menina tinham uma tal amargura! Tanta! Parecia que não mais era verão, que nunca o fora, e que as pessoas alegres deveriam pagar um preço dilacerante por querer ser felizes e banhar-se no mar azul e esquecer-se na cerveja, na caipirinha, na carapeba frita, no siri de coral, no caranguejo, no camarão ensopado ao leite de coco. Eles, os olhos de estio da menina, eram também outonais. Iam aprisionando contentamentos em vingancinhas inconscientes: como um manto de negrumes, nublavam feições, imprimiam-se abissais nos rostos aparentemente ditosos.

Os olhos da menina eram uns algozes, estilhaçantes como se tivessem balas engatilhadas, mas as pessoas não sabiam exatamente quão espinhentos e flamejantes eram. Num gesto desavisado, distraído ou indiferente, negavam-lhe o trocado, embora ela nunca lhes solicitasse coisa alguma. Ela apenas fitava aqueles rostos alegres ao sol de verão, atravessando-lhes o riso fácil, para imprimir-lhes o vinco que marca a cara triste dos que vivem na miséria, e nele depositar o travo da fruta verde. Mas eles não sabiam. Não queriam saber. Apenas sentiam um certo mal-estar, é

verdade, mas não o atribuíam à força do olhar da menina escura, de alma secretamente devastada e de coração, também secretamente, sem condolências.

Então, um dia, os olhos da menina resolveram-se: ultrapassariam aqueles rostos e sorveriam desejos outros. Seriam navegantes. Não de mares majestosos, mas de lagoas de águas mortas. Acicatariam velas pretas em canoas já lentas.

E agora os olhos da menina não mais incomodam. Por debaixo da grande toalha branca que cobre a mesa do cabaré decadente, os olhos da menina atentam apenas à semi-escuridão. O corpo franzino retesa-se e desdobra-se entre uma braguilha e outra: fálicos/flácidos brinquedos ao alcance da sua boca. Na avidez infantilmente desordenada da sua língua, ela executa a tarefa, como foi instruída, para que lascivos homens de meia-idade, ao gosto do uísque falsificado, pareçam distraídos com conversas desimportantes e possam gozar pequenos estremecimentos. Ao fim da noite, eles pagam uma mísera gorjeta e fingem, para si mesmos, que não se sentem trancafiados na masmorra da própria volúpia doentia, a desfrutar o despudor do sexo proibitivo e inescrupuloso, o gozo fraudulento. Escamoteiam o peso do remorso, e, silenciados pelos instintos, entediados, perpetuam-se, noite após noite, em frustrações acumuladas no corpo que envelhece, na repugnância da pele escamosa.

Madrugada alta, no quartinho ao fundo do cabaré, a menina, que não tem ainda os odores da adolescência, naufraga, cansadíssima, agudamente triste, tão vazia quanto uma latinha que se chuta de um meio-fio a outro, indiferentemente. Larga-se sobre

a esteira de piripiri e adormece, abraçada à boneca de pano, ninando-se:

Xô, xô, pavão,
de cima do telhado,
deixa a menina dormir
seu soninho descansado...

Em sonhos, esperança-se.

Rua sem nome, casa sem número

Ele não queria. Mas a mãe tanto fez, tanto fez, que ele cedeu. Era afeiçoadíssimo àquela mulher, de nome Valdicéia, que o parira aos quinze anos. Uma menina, há de se convir. Uma *cabeça-de-vento*, diziam dela os que se julgavam mais ajuizados. E mesmo quando o menino já tinha nove anos – e ela vinte e quatro –, as coisas não mudaram: havia muito sonho e pouco juízo.

Viviam com D. Deusdete, que a criara por compaixão, quando a mãe, uma cigana bonita e leviana, fingira esquecê-la, à própria filha, na rede do alpendre.

D. Deusdete nunca contara o fato. Guardava-o como um segredo do seu coração. Um dia, aparecera-lhe uma cigana a pedir água:

– Meu povo vai lá na frente, eu me atrasei um pouco, porque fica difícil andar com ligeireza quando tenho que carregar a menina. A senhora pode me dar um caneco d'água? Vai aliviar a sede dela. Posso botá-la aqui na rede? A senhora tá me escutando? Vou botar a menina aqui na rede, viu?, pra descansar os meus braços, posso?

D. Deusdete, que já se debruçava sobre o pote, na cozinha, a tirar um caneco d'água friinha para a mulher, mal lhe ouvia as palavras. Ao voltar para o alpendre, buscou a cigana com os olhos. Chamou-a: "Moça, ei moça, aqui está a água!" . Nada. Da rede, porém, chegou-lhe um chorinho abafado. "Valha-me, Deus, por pouco a menina não morreu sufocada! E cadê a mãe, essa desnaturada?"

A mãe sumira-se. Na estrada deserta, só a poeira do bando.

Quando a menina Valdicéia estava lá nos seus treze, catorze anos, apareceu um outro bando de ciganos no povoado de

D. Deusdete, que, naturalmente, os olhou com uma desconfiança dos diabos! "Valha-me, Deus, ciganos de novo! O que me aprontarão dessa vez?"

Arrancharam-se ali por perto. Não incomodavam. Não criavam problema de espécie alguma. Às vezes iam à casa de D. Deusdete e lhe pediam permissão para ap nhar fruta-pão, manga ou caju caídos ao redor da casa. Ela não se importava. Até gostava deles, da descontração de seus risos, das músicas alegres que cantavam à noite, e admirava a dança das mulheres ciganas, ao redor da fogueira, com seus vestidos coloridos e rendados. D. Deusdete, por várias vezes, esteve perto do acampamento dos ciganos e levava consigo a filha, e ambas, junto às outras pessoas do povoado, gostavam de ver aquele espetáculo. Era mesmo uma boa novidade, algo inusitado, diferente, animado, naquelas paragens esquecidas...

Quando os ciganos se foram, a mocinha Valdicéia andou umas semanas assim pelos cantos, um tanto tristonha, cabisbaixa, sem muito apetite ou com apetite demais. D. Deusdete desconfiou: "Meu Deus, como? quando?", perguntava-se.

Meses depois, a própria D. Deusdete serviu de parteira. O menino Josivaldo não chorou à hora do parto e, por isso, teve de levar logo um tapinha na bunda. Ele então esperneou. "É macho", disse a ajudante de D. Deusdete, "e dos bons".

Ele cresceu sadio. Trepava nas árvores, brincava quase sempre sozinho, tomava banho no riacho que se escondia lá por detrás dos cajueiros. Sabia ler e escrever, não muito bem, é claro, mas ao menos não teimara, como a mãe, para não ir à escolinha do povoado.

E, por falar na mãe, é bom dizer que ela nunca foi muito zelosa, nunca observava as unhas, as orelhas e os cabelos do filho. Tanto fazia Josivaldo vestir calção limpo e passado a ferro como

vesti-lo sujo e amarrotado.

– Besteira, ele vai sentar a bunda por aí mesmo, no barro... – dizia ela, mirando as unhas pontudas.

– Mas tu não dobra nem os cobertores de dormir, criatura! Joga tudo no caçuá, como uma trouxa engrolada!

– Pra que dobrar, mãe, se a gente vai usar de noite? É trabalho perdido!

– Tu nunca vai pensar como gente grande? Nunca vai ter responsabilidade? – ralhava D. Deusdete.

E aí ela quis ter responsabilidade, pensar como gente grande. Decidiu que iriam para a capital – ela trabalharia e criaria o filho. D. Deusdete, diante da evidência, arrependeu-se do que havia dito e sentiu um baque danado no coração: aquele menino era a alegria da casa. Ela não queria que ele partisse, a vida dela ia perder a graça. Ele também não queria ir, fincou pé, agarrou-se à saia da avó. Mas a mãe tanto fez, tanto fez, que ele terminou por ceder. E partiram.

Na capital, Valdicéia percebeu que só trouxera sonhos e que eles de nada valiam diante do excesso de realidade dura com que sua alma se sentia golpeada. Assim, com o tempo e a desilusão, passou a esmolar, a beber, a prostituir-se. O menino, que perambulava durante o dia, foi encaminhado à Casa Aberta, onde dormia com outros meninos e meninas de rua. Pela manhã, procurava a mãe e lhe levava a metade do pão que coubera a ele no café da manhã.

Dois anos depois, Valdicéia disse: "Vou pra São Paulo". Josivaldo continuava afeiçoadíssimo a ela, mas não queria fazer da própria vida um desperdício, uma inutilidade. Na Casa Aberta, tinha estudo e até ganhara uma caixa de engraxate, com que, durante o dia, ganhava algum dinheirinho. Nos finais de semana,

ajudava num ou noutro servicinho que os professores arranjavam. Enfim: era um rapazinho que não se queria perder. Disse à mãe que estava bem, que ela não deveria ir para São Paulo, as coisas iriam melhorar e, quem sabe, ele até poderia conseguir um quartinho, em alguma vila, para acomodá-la. Mas Valdicéia, tão *cabeça-de-vento* quanto aos quinze anos, partiu. Antes, porém, fez todas as chantagens afetivas possíveis, chorou quanto pôde, ameaçou jogar-se embaixo do trem, mas Josivaldo disse não e não:

– Nada tenho a fazer em São Paulo. Aquilo lá é uma ilusão boba, mãe.

Um dia, chegou uma carta à Casa Aberta. Dizia do estado de saúde de Valdicéia: muito doente por causa das bebedeiras com vagabundos – assim mesmo, sem eufemismos. Josivaldo, agora já um rapaz feito, passou noites sem dormir. Precisava ir ver a mãe. Tomou algum dinheiro emprestado, falou com o patrão, dono da loja de ferragens onde ele trabalhava como balconista, conseguiu dez dias de licença, com o compromisso de fazer horas extras, ao voltar, e se foi. Nunca havia ido tão longe. Sentiu-se só, triste, cansado. Na rodoviária de São Paulo, esperava-o um homem barbudo, de aparência humilde mas digna. Apresentou-se como um amigo de Valdicéia, o mesmo que escrevera a carta. Ex-alcoólatra e agora evangélico.

Ao abraçar a mãe, Josivaldo sentiu-lhe a fragilidade e quanto ela era infeliz. Ele mesmo se sentia profundamente desolado. Quis trazê-la de volta, falou na casinha de D. Deusdete. Nada. "Meu coração está aqui." O homem barbudo afastou-se um pouco; parecia amargurado. "Certamente não é ele o dono do coração de minha mãe", pensou o rapaz.

Meses depois, outra carta, outro pedido para que ele fosse a São Paulo. Josivaldo novamente tomou dinheiro emprestado,

perdeu aulas e trabalho por mais dez dias. Voltou cansadíssimo, sofrido, sabendo da inutilidade daquelas viagens, porque a mãe não aceitava nenhuma ajuda. "Só queria ver você, Josivaldo", ela dizia, inconseqüente.

As cartas chegavam agora com freqüência. Ao menos duas vezes por ano, lá ia Josivaldo a São Paulo. Já perdera o emprego na loja de ferragens, conseguira outros, perdera-os igualmente. Na Casa Aberta, monitorava meninos e meninas de rua, mas ganhava pouco, e, além disso, aquelas viagens para socorrer a mãe desorganizavam completamente a sua vida.

Durante anos, Josivaldo se viu para lá e para cá. A mãe, agora aidética, ia-se consumindo. E queria-o perto de si, na enfermaria do hospital para onde fora recolhida. Na verdade, parecia querer registrar-se como dor lancinante na alma do filho.

Um dia, à véspera de voltar, Josivaldo foi despedir-se da mãe.

– Fugiu.

– Fugiu?! Fugiu como?!

– Essas miseráveis fogem atrás de bebida, de droga, de macho, de cigarro, de qualquer coisa! Fogem, entendeu? Fogem!

– E ninguém faz nada? Ninguém denuncia?

– E desde quando se faz alguma coisa por esses desgraçados, esses indigentes, esses pobretões que não têm onde cair mortos? – disse-lhe o enfermeiro, irritado, dando-lhe as costas.

Na Casa Aberta, despediu-se de todos. Era querido ali. Fez um pequeno discurso, agradeceu pelos anos de acolhida, beijou os menores, apertou a mão dos professores, dos voluntários. E se foi.

D. Deusdete, surpresa, recebeu-o com um demorado abraço de saudade. Parecia menorzinha, como quem encolhe ao

envelhecer. Conversaram dia e noite, atualizaram os sentimentos do coração, relembraram fatos passados. Ele reviu o riacho, as árvores, apanhou manga madurinha caída no chão do quintal, andou rua acima e rua abaixo, soube da morte de um e de outro, conheceu a meninada que nascera nos anos em que esteve ausente, ajeitou a cerca e o telhado, fez um pequeno galinheiro, vasculhou as pucumãs dos caibros, fez balde novo para a cacimba, retirou as cinzas que se acumularam lá no fundo do fogão de barro, comprou quartinha e potes novos. D. Deusdete, embevecida, criara ânimo novo desde que Josivaldo chegara. Estavam felizes.

E era ali que ele queria ficar, envelhecer e morrer: rua sem nome, casa sem número, localidade sem código de endereçamento postal.

Nesta rua, nesta rua
tem um bosque,
que se chama, que se chama
solidão...
Dentro dele, dentro dele
mora um anjo,
que roubou, que roubou
meu coração...

Saia rodada

Anjos usam saias rodadas, cujo discreto colorido se deixa brincar pelo vento?

Pois assim ia a mulher, D. Marinete. Descia a ladeira, levava pela mão o filho de onze anos, que acabara de acidentar-se no braço. Eles andavam a passo normal, nem apressados nem morosos; o ferimento no braço do menino Edson exigia certos cuidados, mas não tão urgentes que eles, mãe e filho, carecessem de sair às pressas pelas ruas da cidade, rumo ao hospital, que não era assim longe.

Quando estavam a atravessar a praça central, defronte à Assembléia Legislativa, viram-se de repente em meio a um alvoroço desmedido: um político havia sido assassinado. As pessoas corriam em direções várias; umas, porque temiam novos disparos e queriam estar bem longe deles; outras, porque, curiosas, queriam justamente ver o efeito dos disparos no corpo caído e ensangüentado do homem. A mulher e o menino, que precisavam atravessar a praça para chegar ao hospital, já iam a meio caminho, quando foram jogados violentamente sobre um canteiro de pequenas flores amarelas e brancas, que ficaram respingadas do sangue que espirrou do ferimento do menino. D. Marinete, pressurosa, agoniada pelo imprevisto, segurou firmemente a mão do filho; ambos atravessaram a rua, ligeiros como flechas, e cuidaram de se proteger numa casa comercial, cuja porta larga estava sendo fechada por um funcionário assustadíssimo, que só permitiu a entrada daquela mãe aflita porque viu os meninos: um, que sangrava no braço, e o outro, agarrado à saia da mulher, estavam tão pálidos a ponto de desfalecer de medo. "Entrem logo, vamos, entrem logo!", dizia o senhor, como se estivesse a presenciar o fim do mundo.

Um pouco antes do assassinato, o outro menino, João, perambulava na praça. Desde o dia em que presenciara a morte da mãe, à queima-roupa, pelo próprio pai, não mais quisera voltar para casa. Odiava a crueldade sem limites daquele pai repulsivo, violento, constantemente bêbedo, a fazê-los viver, a ele e à sua mãe, dias enegrecidos pela brutalidade, sob ameaças terríveis e constantes como sombras perseguidoras.

No momento mesmo da confusão na praça, João, assustado como um bichinho perseguido, traumatizado ainda com a morte brutal da mãe, corria de um lado a outro, desorientado, indo cair no canteiro das pequenas flores amarelas e brancas. Ele então viu a mulher e agarrou-se à saia dela. D. Marinete, preocupada com o filho, cujo ferimento no braço parecia abrir-se em pequenos jorros de sangue, e ansiosa por sair imediatamente daquele lugar, não percebeu que o menino franzino, sem lhe largar a saia rodada de discreto colorido, atravessou a rua com eles e também teve abrigo na casa comercial.

D. Marinete, já então acomodada numa cadeira que lhe foi arranjada pelo funcionário, abanava-se, nervosa, com as próprias mãos, e respirava com dificuldade, o coração à boca, a alma à boca, ao tempo em que se agoniava mais e mais com o estado do filho. Lá fora, ouvia-se o alarido das pessoas. A mulher, então, quis aconchegar o filho ao colo, ver-lhe de perto o ferimento, observá-lo com o seu cuidado amoroso de mãe. Puxou-o, então, delicadamente, para mais perto de si. O outro menino, que ainda não havia sido notado pela mulher, tamanho era o seu aperreio, chegou-se também mais perto. O filho de um lado, ele de outro, ambos abraçados, ambos aconchegados ao peito da mulher, ambos a receber a ternura comovida e as lágrimas quentes daquela mãe, que, aos poucos, se ia acalmando, ao comprovar que o sangue começava a estancar. O funcionário, empertigado e

discreto como um mordomo, trouxe-lhe água com açúcar.

A normalidade foi, enfim, voltando à praça, à rua, à loja onde estavam a mulher e seus meninos. A essa altura, era hora de fechar a loja. O funcionário, um homem à moda antiga, solícito, respeitador, prestativo, levou-os ao hospital, tomou todas as providências, encorajou o menino no momento de ser ponteado, confortou a mulher e segurou na mão do outro menino, como se fora um pai ou um velho conhecido, um grande amigo de todos.

– Obrigada por ter sido tão bom comigo e com o meu filho – disse a mulher.

Ao levantar a mão esquerda para despedir-se do homem, ela sentiu uma outra mão na sua. A mão de um menino. E só então D. Marinete se deu conta do outro menino, daquele outro filho que, intuitivamente, sentia que acabava de ganhar, um filho com a idade do seu, onze anos. Ela o olhou, e, espantada, confusa, olhou-o mais uma vez, e mais outra, com um olhar já agora aliviado, um olhar bom e doce, um olhar que soube ir bem dentro daqueles olhos verdinhos que lhe lembraram as ximbras com que seu filho brincava no quintal de casa. O funcionário, de nome Eusébio, viúvo sem filhos, prontificou-se imediatamente a levá-los à casa deles.

O álbum de fotografias de D. Marinete passou a registrar, a partir daquele dia, uma família maior, com alegres almoços aos domingos, e mais ximbras rolando, coloridas, pelos canteiros de dálias do quintal.

Hoje é domingo,
pé de cachimbo.

O cachimbo é de barro,
Bate no jarro.

O jarro é fino,
bate no sino.

O sino é de ouro,
bate no touro.

O touro é valente,
bate na gente.

A gente é danada,
brinca com a espada.

A espada é de vidro,
acabou-se o livro!

Esta obra foi impressa na Grafmarques em papel chamoix 80 g/m² (miolo) e couchê fosco 180 g/m² (capa), com tiragem de 1.000 exemplares em Janeiro de 2002.

Principais obras da Autora

Para além do avesso da corda
Maceió, AL – Edufal
1980

Farpa
Maceió, AL – Sergasa
1988

A rede do anjo
Maceió, AL – Gráfica Editora Gazeta de Alagoas
1992

O ócio dos anjos ignorados
Maceió, AL – Gráfica Editora Gazeta de Alagoas
1995

Dos destroços, o resgate
Maceió, AL – Gráfica Editora Gazeta de Alagoas
1999

Vadios afetos
Maceió, AL – Gráfica Editora Gazeta de Alagoas
1999

Fantasia e avesso
Maceió, AL – Gráfica Editora Gazeta de Alagoas
2001 (4ª ed.)

Madrugada alta, no quartinho ao fundo do cabaré, a menina, que não tem ainda os odores da adolescência, naufraga, cansadíssima, agudamente triste, tão vazia quanto uma latinha que se chuta de um meio-fio a outro, indiferentemente. Larga-se sobre a esteira de piripiri e adormece, abraçada à boneca de pano, ninando-se:

Xô, xô, pavão,
de cima do telhado,
deixa a menina dormir
seu soninho descansado...

Em sonhos, esperança-se.